

SOFIA MARRECCAS FERREIRA

ÀS VEZES O MAR NÃO
CHEGA

Sentada na beira da cama, Amália olhou-se no espelho pendurado ao lado da janela. Não se achou bonita nem feia, mas gostou da sua pele branca, dos seus olhos claros, do cabelo comprido e ondulado que lhe caía nos ombros. Também gostou de respirar o ar que entrava pela janela e da paisagem que lhe ocupava a mente.

Com a mão direita pousou a outra mão sobre a almofada vermelha que tinha a forma de um coração, mexeu as duas pernas de trás para diante, mas a perna esquerda demorou mais tempo do que a outra a percorrer o mesmo espaço. Fechou os olhos devagar, imaginou as searas ao longe, sentiu uma brisa quente a soprar-lhe na nuca, ouviu asas de pássaros a amarrotarem-se por cima da sua cabeça, inalou o cheiro da terra a embrulhar-se no ar, e pensou que, se morresse naquele instante, ia gostar de morrer. Seria uma bela morte. Repleta de imagens, cheiros, cores e sabores, iguais e mais intensos ainda que todos aqueles que provavelmente experimentara até então. À maneira de um fim próximo de uma beleza tão poderosa e perfeita, que quase lhe doía.

Depois a porta rugeu e ouviu a voz do pai. Abriu os olhos, e as searas, a brisa, os pássaros, a terra, o ar, desmoronaram em cachos de ruínas estrondosas. Amália levantou-se e foi à janela como se, de repente, se tivesse lembrado de encostar os batentes só para que não chocassem um no outro. Ou como se, subitamente, procurasse fazer algo de útil. Fechou a janela lentamente, lutando contra o

fecho gasto e enferrujado, a pensar que não se importava nada se levasse a vida inteira a fechá-la. Ou a fazer outra coisa qualquer. Só para não ver o rosto de Sebastião que adivinhava nas suas costas, para não sentir o seu hálito a álcool, para ouvir o vento em vez da sua voz grossa, alterada, para não ter medo dele, mesmo se sabia que nunca ia bater-lhe como as asas dos pássaros que se amarrotavam à janela. Só para ser livre e esquecer o seu corpo, cativo na sua mão paralisada e no rastejar da sua perna, para correr pelas ruas, deitar-se na terra, e sorver o ar a erguer-se em monumentos de searas.

A voz encheu de novo o espaço, e a pequena não compreendeu bem o que dizia.

- Demorei muito, Amália?
- Não, pai. Encontrei os jornais?
- Está fechado.
- Fechado? Que estranho.
- Não é estranho. É assim.

Então a pequena levantou os ombros, acenando a cabeça de um lado para o outro. Como se o pai fosse uma criança grande que, quando ia aos jornais e voltava sem eles, era só porque tinha ido beber um álcool que, provavelmente, não havia em casa.

Depois Sebastião falou muito. De estrelas e de galáxias, da constituição das rochas, da formação das falésias, de mundos anteriores ao mundo.

- Ouviste o que eu te disse, Amália?
- Ouvi, pai.

Desejou partir para qualquer lugar, para longe, quis que a mãe voltasse do trabalho, olhou as mãos largas e grandes do pai, comoveu-se com o seu sorriso triste, os seus olhos negros, húmidos, de pupilas dilatadas, o beijo que lhe dava na testa a toda a hora, ao mesmo tempo que lhe dava a bênção. Mas Amália sentou-se e escutou as histórias que ele lhe contou. Histórias de coisas misteriosas, de estrelas e de gentes, de almas que moravam nos ramos das oliveiras como átomos de memória que lhe habitavam os gestos e a voz, e davam sentido às suas palavras.

Depois Sebastião emudeceu, desdobrou o jornal, acendeu o cachimbo, cruzou as pernas. Violeta voltou do trabalho, tossiu por

causa do tabaco, olhou-o sem o ver através do fumo que se espraia em argolas brancas pelo ar da sala, e beijou-o fechando os olhos, retendo a respiração com toda a força para não inalar o cheiro a álcool, nem ouvir a sua voz colada ao seu ouvido:

– *És a minha princesa.*

Amália sentou-se à mesa, desdobrou o guardanapo, esperou pela mãe que lhe fez perguntas distraídas acerca da escola, das amigas, enquanto o pai sondava a transparência do ar para além da janela, sorrindo para longe e para qualquer coisa que só ele sabia. Como a sua boneca Contratempo que, até no escuro, parecia olhar sempre para um lugar tão distante que não devia pertencer ao mesmo mapa-mundo que o do comum dos mortais. Então Amália pensou no pai da mesma maneira que costumava pensar na boneca: à maneira de um amigo estranho e secreto, sem muitas necessidades nem muitas urgências. Como se não precisasse de palavras para compreender o que o rodeava, nem de afazeres ou de objectos para se entreter.

Como sempre, a mãe falou do Centro de Geriatria onde trabalhava nos subúrbios de Lisboa, referiu as mesmas senhoras sentadas em círculo na sala de linóleo, as moscas e o vazio tão grande que as habitava, as revistas de moda com reclamos de electrodomésticos que as faziam sonhar, os transportes públicos sempre demorados, as suas aulas de canto, o emprego de Sebastião que não chegava para pagar as contas da casa. Também disse que estava cansada, e que não sabia quanto tempo ia aguentar.

Sebastião não respondeu logo, como se não entendesse o que era preciso aguentar, ou como se as suas pequenas vidas fossem uma equação tão simples à escala do universo, que nem sequer mereciam referência.

– Não quero ser um estorvo para ninguém – disse ele.

E a seguir a uma curta pausa, perguntou:

– Já fizeste os trabalhos da escola, Amália?

– Só me falta a redacção, pai.

– Já sabes, só quero boas notas.

– Eu também. Só quero boas notas.

Depois, Sebastião falou dos escândalos políticos do momento, aludiu à pátria à deriva onde toda a gente ia andando sem saber exactamente para onde, vivendo cheia de dores, tosses, catarros e moléstias, arrastando-se molemente em bichas para tudo, à espera de resolver vidas que não tinham solução, porque não havia soluções num país com falta de perspectiva. Também falou de coisas úteis, de tarefas, deveres e obrigações, num fluxo contínuo de palavras barulhentas, e Amália pensou que o pai queria parecer importante porque era o homem da casa, sem o ser verdadeiramente.

– ... e a nós, calhou-nos esta pasmaceira – concluiu.

Amália baixou os olhos, comeu a fruta em silêncio, perguntou:

– Pai, o que é a perspectiva?

– É saber olhar para longe, percebes? Para bem longe.

Então ela recordou as vezes em que acordara de manhã e encontrara tirinhas de papel sobre a mesa da cozinha, aí onde Sebastião escrevera que partia sem saber quando voltava. Na altura, a seguir à surpresa e à incompreensão que também lera no rosto da mãe, ambas tinham-se consolado com os postais que ele lhes mandava de São Tomé, do Brasil ou de Angola. Todos com imagens de pássaros, elefantes, tartarugas, gorilas, árvores e frutos desconhecidos, que Amália colecionara como se, através das palavras do pai, que lhe descreviam mundos e gentes diferentes, ele lhe comunicasse o seu entusiasmo de génio.

Assim, desde cedo, a pequena acostumara-se às suas ausências, à sua inconstância, até que, pouco a pouco, ele se tornara um mito na sua vida de criança. Quando Sebastião regressava das suas viagens sem avisar, ela ouvia-o horas a fio, assistindo ao seu entusiasmo por terras distantes, aldeias remotas, povos improváveis, e empregos que nunca soubera conservar mais do que alguns meses.

Quanto a Violeta, nada dizia. Lia as cartas que ele lhe mandava, sempre curiosa de saber o que motivava as partidas do marido. Mas nunca havia razão nenhuma, a não ser uma instabilidade constante que fazia com que ele deixasse um emprego para logo se encantar com outro, procurando mundos que não tivessem, a seu ver, hierarquias tão rígidas e poderosas. Por isso, nunca comentara as dificuldades por que passava, o carácter imprevisível do marido que partia e voltava sempre cabisbaixo, zangado com o mundo que estava todo contra ele e, afinal, todo repleto de hierarquias, mesmo nos confins do planeta. Ela não se queixava, acreditando somente que, um dia, todos haviam de reconhecer a sua inteligência superior. E que, nesse dia, tudo havia de se resolver.

Amália olhou para lá da porta envidraçada tentando calcular a perspectiva de que falava o pai, ouviu os guinchos do eléctrico na Praça de Camões, vozes de criança, imaginou o Tejo ao fundo da rua, a Ponte e o ruído dos carros que passavam num zumbido de insectos, a água a deslizar debaixo do tabuleiro de aço, a cidade a afastar-se, a copa dos primeiros sobreiros e, finalmente, à maneira de um remendo a cair do céu, uma enorme placa azul com letras brancas que indicava a estrada para Évora.

A seguir à sobremesa, Violeta levantou-se da mesa, agarrou na guitarra, tocou, as notas choraram baixinho e ela cantou, cantou sem parar. Então Amália lembrou-se que fora por causa da guitarra e do canto que a mãe lhe dera o nome que tinha. Amália.

Quis abraçar a mãe, e dizer-lhe que sentia a sua falta. Mas depois não quis mais. Só para não ceder ao peso das palavras, ao choro da música, à distância dos pais, aos olhares que trocavam, aos gestos com que se feriam ou se ignoravam. Tirou a mesa com a ajuda do pai, e foi ao quarto onde pediu à boneca Contratempo que fizesse com que o tempo passasse depressa até às férias da Páscoa, para voltar à casa do Alentejo. Tornou a colocá-la na sua prateleira por cima da secretária, à maneira de um altar, e concentrou-se na redacção.

Quando terminou foi à janela, olhou o prédio do outro lado da rua, fitou a velhota debruçada no último andar que dava comida aos pombos, e ambas sorriram como se se reconhecessem na companhia

que faziam uma à outra, todos os dias, à mesma hora. Depois a mulher fechou os olhos devagar, e deixou que o sol do fim da tarde lhe lambesse o rosto, cavando-lhe ainda mais as rugas e as feições.

Amália imitou-a a pensar que, às vezes, Lisboa se parecia com a velhota à janela: cheia de sinais e de buço como a vegetação que crescia nos velhos sótãos, nas varandas, e nos telhados da cidade. Que a existência assim, calma e sem sobressaltos, até dava gosto. Que, um dia, quando também tivesse idade e cabelos brancos havia de se encostar ao sol de uma janela, a espreitar a vida que havia de caber toda num ranger de eléctrico e num céu do tamanho de uma mão-cheia de pombos. Sem falar. Como a vizinha. Porque as palavras faziam muito barulho. Preferia quando elas caminhavam, silenciosas, nas páginas dos livros. E nem deu pelo rosto triste do pai que parecia dormir, abraçado ao jornal, sem sonhos nem pesadelos.

Violeta colocou a sinfonia de sempre a tocar no velho giradiscos, e Amália permaneceu deitada, atenta à melodia dos instrumentos que penetraram o espaço escuro do seu quarto, a pensar neles como se fossem frases ou vozes que falavam e se respondiam ao mesmo tempo, sem nunca se magoarem umas às outras. Contrariamente aos pensamentos dos pais. Embora os pensamentos não falassem.

Então, deixou-se invadir por sentimentos que não sabia explicar muito bem, mas que tinham a ver com a paz e talvez com Deus, com o universo que o pai lhe relatava, subitamente absorpta numa compaixão que a ligava ao mundo dos homens, à natureza, e a tudo o que pressentia ter vida. Como lho tinha ensinado a tia Eugénia. E como se tudo o que fosse belo possuísse uma desmedida e implacável tristeza.

– Quando vamos para a casa do Alentejo?

– Daqui a dias. Com a avó Pascoalina. Boa-noite, filha.

Amália abraçou Contratempo como se a boneca tivesse o poder de apaziguar todas as suas angústias e de atender todos os seus pedidos. Pensou na casa do Alentejo, no campo onde tocava flauta para seduzir os pássaros, na tia Vitória que exorcizava espíritos, aliviava as dores de quem a procurava, escrevia cartas para quem não sabia escrever, e contava histórias encantadas para as mulheres que viviam no antigo orfanato da vila. Também recordou a tia Eugénia

com o seu salão de beleza a um canto do quintal, preparando emplastos à base de eucalipto para queimar as gorduras, e loções de pepino para aclarar as olheiras, empalhando pássaros, recitando novenas à volta da igreja para pagar promessas alheias, ganhando a vida como podia, fazendo bolos para fora, e vivendo constantemente apaixonada.

Então Amália quis estar longe de Lisboa, do Chiado, daquela rua, até da mulher dos pombos de quem, afinal, talvez não viesse a sentir tantas saudades. A mãe sorriu, ausente, tirou o disco, saiu do quarto, e Amália viu a sua sombra a desaparecer no corredor em gestos de nuvens, à maneira de uma corrente de ar leve, fria, transparente. Depois, no silêncio e na noite do seu quarto, orquestrou o violino, como se as notas que continuava a ouvir brotassem dos seus gestos curtos e precisos que sacudiam o ar, à maneira de ínfimas vitórias sobre a melancolia do tempo.

Violeta foi para o seu quarto e deitou-se na cama que lhe pareceu demasiado pequena. Fechou os olhos, e deixou-se embalar pela música do realejo que vinha do largo, aproximando-se passo a passo, como se a noite se concentrasse toda naquele pedaço da Rua das Flores, e o homem que tocava não soubesse de outro lugar. Imaginou-o com o seu chapéu verde, cor de musgo, os seus passos esguios e lentos a demorarem-se nas pedras da calçada como notas ou pensamentos solitários, ou como sonhos inscritos na sina das estrelas.

Depois só sentiu o corpo pesado de Sebastião a debruçar-se sobre o seu, ouviu-lhe o fôlego sôfrego e a voz que dizia palavras sem nexos, a lembrar-lhe outras palavras há que tempos esquecidas, até sentir uma seiva a derreter-se-lhe por entre as pernas e no ventre. Calculou a lenta marcha do homem do realejo pela Rua das Flores e, no meio da noite do seu quarto, sorriu-lhe, perdida na vertigem das notas que se aproximavam, lhe tocavam à janela, e seguiam à pressa no embalo da descida até se perderem nas margens do rio. Então, em silêncio, agradeceu ao velho homem pelos sonhos e pela vida que ele lhe trazia no meio do trabalho, dos sonhos vazios, e do nada de cada dia.